



## **Além da diversidade de gêneros: o que emerge da complexidade narrativa nos livros-reportagem de Fernando Morais<sup>1</sup>**

Daiana Stockey CARPES<sup>2</sup>

Diana de AZEREDO<sup>3</sup>

Isadora TRILHA<sup>4</sup>

Rodrigo BARTZ<sup>5</sup>

Vanessa Costa de OLIVEIRA<sup>6</sup>

Demétrio de Azeredo SOSTER<sup>7</sup>

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

### **RESUMO**

Como membros do grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”, nosso objetivo, neste artigo, é dar continuidade aos trabalhos iniciados em 2013. Pretendemos, assim, avançar na análise da estrutura textual encontrada nos livros-reportagem de Fernando Morais. A partir da identificação da diversidade de gêneros jornalísticos presentes na obra, utilizamos conceitos como narrador, personagem e sistemas para tentar compreender os sentidos que emergem das reconfigurações narrativas percebidas até então.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; narrativa; gênero; dialogia.

### **1. Percepções para além da superfície dos gêneros**

Vinculado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo e ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), o grupo “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas” iniciou os trabalhos em fevereiro de 2013. Tendo como objeto de pesquisa os livros-reportagem do jornalista e escritor

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unisc, email: daiacarpes@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unisc, email: azeredo\_diana@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unisc, email: isadora.trilha@gmail.com

<sup>5</sup> Mestre pelo PPG Letras da Unisc, email: rodrigobartzm@hotmail.com

<sup>6</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unisc, email: nessa.costa.oliveira@gmail.com

<sup>7</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - de Jornalismo da Unisc, email: dsoster@uol.com.br



brasileiro Fernando Morais<sup>8</sup>, em contexto midiático, iniciamos a análise das obras a partir das definições de gênero propostas por José Marques de Melo (2010).

Ao confirmar a presença de diferentes categorias jornalísticas em um mesmo ambiente narrativo, nossa hipótese é de que os gêneros funcionem como indexadores de camadas mais profundas de significação. Além deles, identificamos o uso de recursos próprios da literatura na organização do texto. A busca, a partir dessas observações iniciais, tem como objetivo compreender os sentidos que emergem dessas reconfigurações narrativas. Ou seja, pretendemos descobrir quais são as estruturas que se estabelecem a partir da superfície percebida até agora. Antes, porém, de avançar na análise, cabe explicar a metodologia e os resultados obtidos nesse percurso.

## 2. Obras, categorias e uma tabela

No início de 2013, decidimos, em termos de abordagem metodológica, que analisaríamos os livros-reportagem com base em sua constituição genética, ou seja, a partir da identificação das categorias e gêneros utilizados em cada obra. Buscamos saber, à época, a partir da percepção de que estava crescendo a oferta de livros-reportagem e biografias de natureza jornalística, quais as categorias e gêneros discursivos que emergiam nesse cenário. A hipótese norteadora é de que essas representavam, mais que estruturas fixas desse e daquele formato, o papel de indexadores de níveis mais profundos de significação.

Para que isso fosse possível, desenvolvemos uma tabela que nos permitiu, de um lado, isolar a incidência da categoria analítica (informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário), na categorização de José Marques de Melo (2010), enquanto que, de outro, informações como a incidência de gêneros da categoria e excertos dos trechos analisados. Visualmente, a tabela foi disposta da seguinte forma:

**Tabela 1** – Modelo de análise

<b>Categoria</b>	<b>Incidência</b>	<b>Gênero</b>	<b>Excerto</b>
Informativo			
Opinativo			
Interpretativo			
Diversional			
Utilitário			

**Fonte:** Elaboração dos autores

<sup>8</sup> Trata-se de um dos principais escritores de não-ficção do Brasil. Mais informações a respeito de Fernando Morais podem ser obtidas em seu site oficial: <http://www.fernandomorais.com.br/>



Por esse modelo, a incidência de determinada categoria, nomeada na primeira coluna, foi indicada com um “X” na segunda. Na terceira, o gênero/formato foi mencionado com o objetivo de melhor caracterizar a espécie de texto. O excerto foi transcrito na quarta coluna. Quanto à quantidade de trechos selecionados, convencionou-se que poderia variar a cada análise, sem prejuízo à exemplificação. De forma muito sucinta, e a título de registro, transcreveremos abaixo alguns dos resultados encontrados por meio da aplicação da tabela, e já discutidos em outros momentos<sup>9</sup>.

A análise do texto de Fernando Morais “Primeira aventura na estrada”, trecho de abertura da obra “Transamazônica” (Brasiliense, 1970), foi realizada a partir da aplicação da tabela em cada um dos 11 capítulos do texto. O indexador utilizado foram os indicativos de quilometragem existentes no alto de cada página de abertura dos capítulos, que fazem alusão aos quilômetros rodados pela equipe na estrada (KM 10, KM 500, KM 1879 etc.). Ao longo de todos os 11 capítulos, encontramos a incidência das categorias informativa, opinativa, interpretativa e diversional, menos utilitária.

O perfil, como gênero da categoria interpretativo, foi encontrado em todos os capítulos na análise, enquanto que, na categoria diversional, os textos dividiram-se em histórias de interesse humano e histórias coloridas. Isso se observa no exemplo da página 36 do quilômetro 3044 da estrada.

O herói da cidade é um antigo garimpeiro, hoje prefeito de Juruti, Nilson Barroso Pinheiro. Pioneiro do garimpo na cidade, homem de meia-idade, de 1958 a 1962 ficou milionário com a exploração de ouro (fato raro entre os garimpeiros). As lendas a seu respeito dizem que em menos de três anos ele retirou do solo dezenas de latas de vinte litros cheias de ouro puro. Foi ao Rio de Janeiro e comprou um luxuoso iate branco que enchia de prostitutas, as mais bonitas do lugar, e passava semanas navegando pelo rio Tapajós em companhia dos amigos. Quando o dinheiro acabava, ele recorria ao seu filão (só ele sabia onde era) e enchia mais latas de ouro. (MORAIS, 1970, p.36)

---

<sup>9</sup> Levamos os resultados da pesquisa para o Seminário de Grupos de Pesquisa da Unisc, cadastrados no CNPq (julho de 2013); Etapa nacional do 36º congresso promovido pela Intercom, realizado na Universidade Federal do Amazonas (Ufam) (setembro de 2013); VI Colóquio Nacional Leitura e Cognição, VI Conferência Linguística e Cognição e XIV Semana Acadêmica de Letras (setembro de 2013), na Unisc; IV Salão de Ensino e de Extensão e o XIX Seminário de Iniciação Científica (SEE-SIC), promovido pela Unisc (outubro de 2013), e, finalmente, na terceira edição do Seminário Interinstitucional de Pesquisa (III SIP), promovido pelo Programa de Pós Graduação Mestrado em Letras (novembro de 2013).



No caso de “A Ilha - Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro” (Alfa-Omega, 1984), optamos pelo agrupamento dos capítulos em dois blocos – um a seis e sete a 11 – para a aplicação da tabela. O indexador utilizado foi o título de cada capítulo. No primeiro bloco, comparando-se com a obra anteriormente analisada, dois pontos merecem particular atenção. O primeiro diz respeito à diversidade de categorias encontradas na amostra: trata-se da mesma. No que toca aos gêneros que compõem essas categorias, há uma maior variedade, no entanto, na categoria interpretativo, como, por exemplo, ocorre na página 43: existe, lá, uma tabela com a quantidade e valor a ser pago pelos produtos convertido em cruzeiros. Um pouco depois, na página 61, há um exemplo de entrevista:

Pergunto a Augusto se ele conhece algum país capitalista. A resposta vem rápida:

- Não, não conheço. Mas não é preciso ter vivido nas vísceras do monstro para conhecê-lo bem. (MORAIS, 1983, p. 41)

A análise do texto “Corações Sujos” (Companhia das Letras, 2000) teve como indexador igualmente os capítulos da referida obra, onde encontramos as categorias informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário. Na categoria interpretativo, por exemplo, temos o gênero cronologia. No excerto destacado, esse formato permite uma melhor compreensão do contexto de conflito político entre brasileiros e japoneses: “No primeiro trimestre de 1946, com o país já vivendo sob o governo do general Dutra, eleito presidente da República após a derrubada de Getúlio Vargas, um novo foco de agitação política viria se somar aos movimentos paredistas” (MORAIS, 2000, p. 116).

Para analisar “Os últimos soldados da Guerra Fria” (Companhia das Letras, 2011), preenchemos 15 tabelas, uma para cada um dos 15 capítulos da obra. Constatamos, novamente, a presença, em cada um dos capítulos – sem exceção –, de características que remeteram ao jornalismo informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário. No âmbito do opinativo, predominou, hegemônico, o gênero comentário. Observamos a sua emergência em momentos quando Moraes (2011) deixou transparecer sua opinião sobre determinados fatos, personagens ou instituições presentes na narrativa, como mostra o excerto abaixo, retirado do capítulo treze:



A precária qualidade dos serviços públicos de saúde dos Estados Unidos, que uma década depois seria denunciada em filmes e ensejaria uma importante reforma, empurrou o casal para os custos exorbitantes da medicina privada. (MORAIS, 2011, p. 309)

No caso de “Cem quilos de ouro: e outras histórias” (Companhia das Letras, 2003), utilizamos como método a análise individual de cada um dos 12 capítulos do livro. Em todos eles, observamos a existência das categorias informativo, opinativo, interpretativo, diversional e, no capítulo de uma reportagem veiculada, inicialmente, em revista, também identificamos utilitário. Destacamos a presença constante dos gêneros história de interesse humano e história colorida, exemplificando esta com o trecho sobre o contato com guerrilheiros de Nicarágua, no capítulo cinco:

Alguém aperta, então, um interruptor e nos vemos em uma salinha forrada de estantes e guardada por nove ou dez guerrilheiros armados de fuzis e metralhadoras – todos com a cabeça coberta por um capuz vermelho e preto, as cores sandinistas. Numa das estantes há várias bazucas e petardos de aço, do tamanho e do formato de uma garrafa de cerveja – que, saberíamos depois, eram rockets para municiar morteiros. Nas outras estantes, contrastando com as armas, há bonecas e outros brinquedos. (MORAIS, 2003, p.140)

Não nos aprofundaremos sobremaneira na ilustração do que encontramos, haja vista que esse caminho, como dissemos, já se encontra percorrido. Vamos focar nossa atenção, sobretudo, no que os excertos nos permitem observar desde agora. Nesse sentido, aplicada a tabela e realizadas as necessárias tabulações, chega-se a conclusões importantes, que passam a nortear a pesquisa daqui para frente e que requerem uma melhor delimitação conceitual.

A primeira delas, e mais evidente, diz respeito ao que foi encontrado em cada livro analisado. Notamos, em todos os livros, a presença das quatro categorias (informativo, opinativo, interpretativo e diversional) e suas variações de gêneros. A exceção foi a categoria utilitário, identificada apenas em uma das obras. O raro aparecimento dessa justifica-se pela sua característica de ser comumente empregada a veículos com periodicidade regular, caso dos jornais e revistas (para ficarmos nos impressos). Conclui-se, preliminarmente, com isso, que não é possível compartimentalizar livros-reportagens como os de Fernando Morais em termos de categoria ou gênero, haja vista a complexidade de sua estrutura narrativa, sob o risco de reduzir a amplitude da obra.



No entanto, constata-se, a partir dos excertos, que as categorias e os gêneros estão lá, ajudando a dar forma à tessitura do texto, permitindo a emergência de sentidos os mais diversos. Compreender essa lógica implica, de um lado, a) assumir a existência de distintas camadas de significação, enquanto que, de outro b) perceber que essas camadas não são antagônicas ao que está posto em termos de superfície (as categorias e os gêneros), nem pretendem esconder o que quer que seja: são, antes, níveis narrativos. Exigem, portanto gramáticas interpretativas específicas.

### **3. Fonte transformada em personagem e disputa de vozes**

Na busca para compreender os sentidos que emergem dessas reconfigurações, encontramos pistas na narratologia, “área de reflexão teórico-metodológica autônoma, centrada na narrativa”, que procura, pois, “(...) descrever de forma sistemática os códigos que estruturam a narrativa, os signos que esses códigos compreendem (...)”, (REIS, LOPES, 1988). Supomos ser, em termos estratégicos, uma opção interessante, pois, para além da indexação realizada pelas categorias e gêneros, permite-nos observar a estrutura com que são formados os referidos relatos. Ou seja, possibilita que vejamos melhor o conjunto da obra, à revelia de sua natureza. Isso porque:

(...) a narrativa desencadeia-se com frequência e encontra-se em diversas situações funcionais e contextos comunicacionais (narrativa de imprensa, historiografia, relatórios, anedotas etc.), do mesmo modo que se resolve em suportes expressivos diversos, do verbal ao icônico, passando por modalidades mistas verboicônicas (história em quadrinhos, cinema, narrativa literária, etc.). (REIS, LOPES, 1988, p. 66)

Nesse sentido, estabelecendo diálogo com o excerto de Transamazônica, no início dessa reflexão, observamos que o mesmo é, a um tempo, um relato da a) categoria diversional formado, estruturalmente, entre outros, pela presença de um b) sujeito chamado “Nilson Barroso Pinheiro”, e que o sentido do mesmo emerge da conjunção de a + b, em uma perspectiva complementar, o que exige gramáticas específicas de compreensão. Nesse contexto, por exemplo, a fonte jornalística sofre uma alteração substancial em seu estatuto, ao se posicionar, na narrativa, como personagem. Compreender o que isso significa implica, como dissemos, novas gramáticas interpretativas, a começar, como sugere Kássia Nobre (2013), pela



compreensão de que, nesse modelo de narrativa, o jornalista assume o papel de narrador.

(...) o jornalista que se comporta como narrador literário ou de romance não deixa de ser um narrador midiático porque se utiliza da experiência do outro para construir sua narrativa, mas se torna menos impessoal e distante da coisa narrada e passa a narrar sobre os fatos, e não apenas informá-los. Para isso, busca novos formatos que ultrapassam o jornalismo informativo, como, por exemplo, investindo o foco da narrativa nas pessoas por meio de marcas textuais literárias, como a caracterização física, moral e psicológica descritas e a preferência por fontes anônimas em detrimento das fontes preferenciais. (NOBRE, 2013, p 36-37)

E o que isso significa? Ainda nas palavras de Nobre (2013), que é preciso observar como se estabelece a interação entre o jornalismo e a literatura, bem como as apropriações que o discurso jornalístico vai fazer para compor suas narrativas nesse cenário, caso queiramos compreendê-lo. Nessas reportagens, o jornalista conduz a fonte a uma nova condição, onde ela “apresentará características das personagens da ficção” (NOBRE, 2013, p.37). Nesse sentido, “Nilson Barroso Pinheiro”, mais que uma fonte jornalística, é um personagem na narrativa. Como tal, é utilizado pelo narrador como elemento de estruturação do texto.

Se mudarmos o foco da análise do personagem-fonte para uma categoria mais ampla, caso do narrador, e, ainda no espectro dos estudos da narrativa, e formos buscar ajuda em Luiz Gonzaga Motta (2013), uma interessante possibilidade se apresenta. Motta propõe, com base em Genette (1988), e sem pretensões totalizantes, que se compreenda as opções do narrador a partir de níveis de poder (narrativo) disputado por diferentes vozes na narração jornalística. Por esse viés, devemos considerar, na estrutura narrativa, a presença de pelo menos três narradores:

Primeiro narrador: extradiegético, fora da história. É o veículo e a organização por trás dele. Opera preliminarmente para atrair a audiência, “vender” o conteúdo.

Segundo narrador: intradieгético, de dentro da história. É o jornalista, o sujeito que narra a história. Sua função é tecer o fio da história, de acordo com sua interpretação dos papéis e da posição dos personagens em conflito.

Terceiro narrador: igualmente, intradieгético. São as personagens ou fonte-personagens.



Do ponto de vista da hierarquia discursiva, o poder se estabelece a partir do primeiro narrador em direção ao terceiro, ou seja, na seguinte forma: primeiro narrador > segundo narrador > terceiro narrador.

Aqui é preciso observar que o modelo de Motta (2013) não considera, ao menos explicitamente, o dispositivo livro em sua análise. Ocorre que a categoria periodicidade não se aplica usualmente aos livros-reportagem, à medida que o que determina a quantidade de edições é a procura pela mesma e a disponibilidade de se imprimir uma segunda ou terceira. Isso acaba por fragilizar o papel do primeiro narrador, a se considerar a perspectiva de Motta (2013).

É válido salientar que, para o pesquisador, a função de atrair o público, despertando nele o desejo de saber, é desempenhada pelo primeiro narrador. “Ao relatar uma estória, o veículo assume a sua *marca* de mercado, historicamente constituída”, explica Motta (2013, p. 227, grifo do autor). Porém, considerando as obras de Fernando Morais, percebemos que o próprio jornalista é responsável por “vender o conteúdo” e consolidar sua “marca”. Nesse caso, é o segundo narrador que exerce maior poder.

Com base nisso, podemos pensar, quem sabe, em uma reconfiguração da hierarquia a partir da aplicação do modelo de Motta (2013) nos livros-reportagem: primeiro narrador < segundo narrador > terceiro narrador. Assim, o segundo narrador – em nosso caso, Fernando Morais – passa a determinar, ou pelo menos influenciar decisivamente, tanto o primeiro narrador (livro) como o terceiro (personagem). No primeiro caso, por meio da escolha da editora, dos elementos de oferta de sentido na capa, do formato físico do livro, do número de páginas, etc. Isso não ocorre, a título de comparação, com os jornais impressos: nesse caso, o primeiro narrador é quem determina o que faz o segundo narrador, com variações de intensidade que não discutiremos aqui para não fugir ao foco na argumentação. Quanto mais “forte” o segundo narrador, mais poder terá sobre o primeiro.

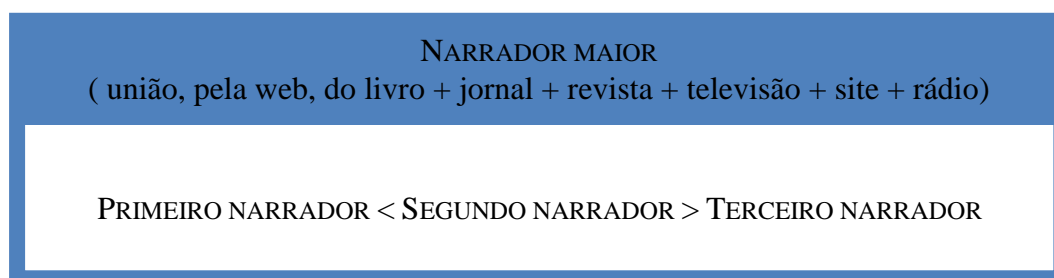
A complexidade de nossa análise aumenta se, ao esquema anterior, inserirmos um outro narrador, que chamaremos aqui, seminalmente, de “narrador maior”, representado pelo sistema-midiático comunicacional. Esse “narrador maior” só pode ser concebido como tal se considerarmos todos os dispositivos jornalísticos não apenas em sua especificidade operacional unitária (o jornal, a televisão, o rádio, o site,



o livro etc.), mas pelo que representam em termos de sistema, que aqui chamamos de jornalístico.

O sistema jornalístico toma forma, quando, por meio das e conexões da internet, principalmente, permite que seus dispositivos dialoguem entre si com mais intensidade e mais sistematicamente (SOSTER, 2009-a). Sistema será utilizado aqui na perspectiva de Niklas Luhmann (2009), a exemplo do que fizemos em outros momentos (SOSTER, 2009, 2009-a, 2009-b, 2011, 2012 e 2013). Mesmo que os livros-reportagem não tenham a mesma lógica organizacional dos jornais e revistas, para ficarmos nos impressos, por meio da oferta e recepção constantes de sentidos, há de se observar que o segundo narrador, ou seja, o jornalista, e mesmo o primeiro narrador, a editora/livro, estão conectados, e dialogam, assim, com fluxos constantes de informações que se estabelece por meio da web. Graficamente podemos conceber a nova perspectiva da seguinte forma:

**Gráfico 2:** narradores



**Fonte:** elaboração dos autores

Observe-se que a área em azul não apenas circunscreve onde se estabelecem os jogos de poder entre os narradores primeiro, segundo e terceiro, como, também, insere essa “disputa” em uma perspectiva maior, sistêmica, que acaba por afetar – ou, se preferirmos, – influenciar na própria forma do que é dito pelas vozes narrativas subsequentes. A disputa de vozes, proposta por Motta (2013), encontra-se aqui não apenas retomada, mas transformada em função da complexidade do objeto de análise.

#### **4. Dialogia e midiatização do jornalismo**

Se estamos pensando em termos sistêmicos, podemos imaginar que o sistema jornalístico, por meio do acoplamento estrutural, dialoga com outros sistemas em suas operações, causando afetações as mais diversas em um e outro. Chamamos esses movimentos de dialogia (SOSTER, 2012, 2013), ou seja, a capacidade que um sistema



tem de dialogar com outro sistema em um determinado ambiente, afetando e sendo afetado nessa operação; sobretudo, provocando reconfigurações em ambos.

Trata-se, a dialogia, do movimento que se verifica junto aos campos do conhecimento em uma perspectiva de sociedade midiaticizada. Por este viés, os campos vão buscar em outras áreas do conhecimento os elementos que irão garanti-los enquanto campo. Mais que uma hibridização, tem-se a instauração de uma nova realidade sócio-discursiva, que complexifica lugares. (SOSTER, 2013, on-line)

A dialogia, no caso dos livros-reportagem neste trabalho analisados, pode ser observada por meio do uso de recursos literários para compor a narrativa jornalística. Mesmo que a aproximação entre literatura e jornalismo tenha origem desde o surgimento deste segundo, a novidade fica por conta do contexto em que o fenômeno ocorre: midiaticizado. Nossa percepção nos conduz a afirmar que o jornalismo, na intenção de fortalecer sua identidade, está se valendo da literatura, causando modificação tanto no sistema jornalístico quanto no sistema literário.

Assinalamos que, ao mencionar a dialogia, inserimos na reflexão a teoria da midiaticização, haja vista que a primeira é característica do jornalismo midiaticizado, que só pode ser pensado em um contexto sistêmico. Fausto Neto (2008) lembra que a midiaticização da sociedade tem lugar quando os dispositivos deixam de lado o estatuto de “meio” e realizam o funcionamento de um novo tipo de trabalho do registro do simbólico, reconfigurando, nas palavras de Gomes (2006), toda uma ecologia comunicacional.

A midiaticização se estabelece com mais visibilidade na sociedade a partir do momento em que esta se vê estruturada em um contexto altamente tecnologicado e passa a dialogar em rede, estabelecendo matizes simbióticas à interação homem-máquina e suas complexificações. Ou seja, no período evolutivo em que as máquinas, por meio de suas operações, e estando interconectadas, deixam de ser um suporte à atividade humana e se estabelecem relacionalmente com esta em termos de processualidade (...). (SOSTER, 2009-a)

Se essa simbiose de natureza sócio-técnico-discursiva se verifica na sociedade, e tem como vetor, entre outros, os dispositivos jornalísticos, podemos pensar que seus agentes também são afetados nessa processualidade, midiaticizando-se. É por isso que chamamos de “midiaticizado” o jornalismo que é afetado pela midiaticização, midiaticizando-se, reconfigurando-se, complexificando-se. Para além da dialogia, as



demais características do jornalismo midiaticado são autorreferência, correferência, descentralização e atorização, que não vamos nos preocupar em detalhar na definição, considerando o propósito de manter o foco na dialogia.

É pelo seu viés, ou seja, pela imbricação entre dois campos do conhecimento em uma perspectiva midiaticada, que encontramos sentido na emergência de determinados gêneros discursivos do jornalismo. É o caso do diversional e do interpretativo, em cujas bases se assentam os relatos dos livros-reportagem, como demonstrou nossa pesquisa em seu princípio.

Também é a dialogia que nos permite pensar em termos narrativos, seja pelo viés da estrutura do texto, dos jogos de poder de seus narradores, ou, ainda, pelo que os sentidos emergentes desses representam em seu conjunto, à revelia de quem influencia quem: poderosos elementos de constituição identitária do dispositivo livro-reportagem. Isso se estabelece como maneira de fortalecer sua autonomia frente aos demais dispositivos e ao sistema em que se insere como um todo, fundamentalmente para ser reconhecido como tal e viabilizar suas próprias operações (SOSTER, 2009).

## **5. Considerações interpretativas**

Mais do que relatar o estado da arte dos trabalhos realizados desde 2013 pelo grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”, o trabalho que aqui se encerra buscou sistematizar os movimentos por meio dos quais sentidos são gerados em uma perspectiva de jornalismo midiaticado. Também se cumpriu a meta de compreendê-los em uma perspectiva mais larga.

Foi necessário, para isso, considerar que as categorias, os gêneros e as estruturas existentes em determinados modelos de narrativas, caso dos livros-reportagem, eram camadas superpostas de significação. Compreendê-las implica observar, também, os jogos de poder existentes entre os narradores envolvidos nos mais diversos processos de enunciação por meio de suas vozes narrativas. Isso tudo se coloca como lastro para o desafio que já se encontra em processo neste momento: analisar o que emerge da disputa entre as vozes narrativas nas biografias de caráter jornalístico de Fernando Morais, próxima etapa da pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**



FAUSTO NETO, Antônio. **Mudanças da medusa?** A enunciação midiaticizada e sua incompletude. In: FAUSTO NETO, Antônio; FERREIRA, Jairo; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro. *Midiaticização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.

GENETTE, G. **Nuevo discurso del relato**. Madrid: Cátedram, 1998.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e ética da comunicação na midiaticização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MELO, José Marques de Melo e ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos: a história da ShindoRenmei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORAIS, Fernando. **Os últimos soldados da guerra fria: a história dos agentes infiltrados por Cuba em organizações de extrema direita nos Estados Unidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORAIS, Fernando. **Cem quilos de ouro** (e outras histórias de um repórter). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MORAIS, Fernando. **A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro**. 19. Ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1983.

MORAIS, Fernando. **Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

SANTOS, Kássia Nobre. **Quando a fonte vira personagem: análise do livro-reportagem “A vida que ninguém vê”**, de Eliane Brum. Disponível em: [<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/KassiaSantos.pdf>] Acesso em: fevereiro de 2014.

SOSTER, Demétrio de Azeredo e tal. **O que dizem os gêneros nas narrativas jornalísticas não-biográficas de Fernando Moraes**. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus, AM. Anais.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **A midiaticização das narrativas na seção Diário da Revista Piauí**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro, Anais...



SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S. Paulo.** In: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DE JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. Anais...

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais:** internet, mídiatização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. São Leopoldo, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009a.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Modelo para análise do jornalismo mídiatizado.** In: \_\_\_\_\_. Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009b.